



EPIFANIA DO SENHOR MANIFESTAÇÃO DA LUZ QUE VEM DO ALTO

A solenidade da Epifania do Senhor, celebrada no ciclo do Natal, ocupa um lugar central na liturgia da Igreja. A palavra *epifania* vem do grego *epipháneia*, que significa manifestação, revelação, aparição luminosa. Na liturgia, indica o momento em que Cristo, até então envolto no silêncio e na humildade do presépio, se manifesta ao mundo como o Filho de Deus, Salvador universal, luz destinada a todas as nações.

Bento XVI

Por isso a Epifania é, por excelência, a festa da Luz: “Levanta-te e resplandece, porque chegou a tua luz” (Is 60,1). Na celebração deste dia 6, a Igreja recorda três grandes manifestações do Senhor:

1. A visita dos Magos (Mt 2,1-12)
2. O Batismo no Jordão (Mt 3,13-17; Mc 1,9-11; Lc 3,21-22)
3. As Bodas de Caná (Jo 2,1-12)

Esses três sinais formam um único anúncio: o Verbo se fez carne e veio iluminar todos os povos (cf. Jo 1,14).

1. OS TRÊS MISTÉRIOS RECORDADOS PELA LITURGIA DAS HORAS

Em três momentos da Liturgia das Horas da Epifania, a Igreja nos ajuda a recordar e celebrar as três manifestações de Jesus a todos os povos:

a) Antífona do Cântico Evangélico das Laudes

*Hoje a Igreja se uniu a seu celeste Esposo,
porque Cristo lavou no Jordão o pecado;
para as núpcias reais correm Magos com presentes;
e os convivas se alegrem com a água feita vinho.
Aleluia.*

A antífona une, em um único olhar contemplativo, os três mistérios da Epifania: o Batismo no Jordão, a adoração dos Magos e o milagre de Caná. Ao proclamar que “a Igreja se uniu a seu celeste Esposo”, ela revela a Epifania como um evento nupcial, no qual Cristo se dá a conhecer como Esposo que purifica, atrai e alegra a humanidade. Assim, a manifestação do Senhor é vista não apenas como luz para as nações, mas como início da aliança nova e definitiva com seu povo.

b) Hino das II Vésperas

*Por que, Herodes, temes
chegar o Rei que é Deus?
Não rouba aos reis da terra
quem reinos dá nos céus.
Os Magos, ei-los vindo,
buscar na Luz a luz;
a estrela vão seguindo
que ao Rei dos reis conduz.
Nas águas é lavado
o celestial Cordeiro;
O que não tem pecado
nos lava em si primeiro.
As águas, ó prodígio,
já ficam cor d'aurora,*

*não deixam mais vestígio,
pois jorram vinho agora.*

*Louvor ao que aparece
aos povos em Belém,
unido ao Pai e ao Espírito
eternamente. Amém.*

O hino percorre poeticamente as três epifanias, mostrando-as como uma única revelação progressiva: a estrela que guia os Magos, o Batismo do Cordeiro inocente e a transformação da água em vinho. Ele denuncia o medo de Herodes diante do verdadeiro Rei, contrapondo à resistência humana a irradiação divina que se oferece como luz, graça e salvação universal. Assim, a Epifania é celebrada como manifestação cósmica, histórica e sacramental da glória de Cristo.

c) Antífona do Magnificat das II Vésperas

*Recordamos neste dia três mistérios:
Hoje a estrela guia os magos ao presépio.
Hoje a água se faz vinho para as bodas.
Hoje o Cristo no Jordão é batizado para salvar-nos.
Aleluia, aleluia.*

Esta antífona explicita, em forma concisa e jubilosa, os três grandes mistérios epifânicos: a estrela, o vinho novo e o Batismo. Ao repeti-los com o refrão “hoje”, a liturgia afirma que a manifestação do Senhor não é apenas memória, mas presença viva que continua a iluminar, transformar e salvar. Assim, a Epifania aparece como um evento unitário, que revela Cristo como luz, esposo e Filho amado.

2. A VISITA DOS MAGOS: A SALVAÇÃO É PARA TODAS AS NAÇÕES

(Mt 2,1-12; Is 60,1-6; Sl 72,10-11)

Os Magos, descritos por Mateus como sábios vindos do Oriente, seguiram “a estrela que tinham visto no Oriente” (Mt 2,2.9) até Belém. Representam todas as nações pagãs que procuram a verdade. Ao encontrarem o Menino com Maria, sua Mãe, “prostraram-se diante dele e o adoraram” (Mt 2,11).

Os seus dons são confissões de fé:

- Ouro: reconhecem a realeza de Jesus (cf. Sl 72,15).
- Incenso: adoram o Deus verdadeiro.
- Mirra: anunciam sua morte redentora (cf. Jo 19,39).

A liturgia une esse episódio à profecia de Isaías: “As nações caminharão à tua luz” (Is 60,3) e ao salmo: “Os reis da terra... virão trazer seus presentes” (Sl 72,10). Assim, na Epifania, os Magos proclamam que o Cristo é luz para revelar às nações (Lc 2,32).

⇒ *“Os Magos sugerem uma grande verdade para nós ao retornarem às suas regiões por outro caminho. Por meio do que fazem, depois de serem admoestados pelo céu, eles nos fazem ver o comportamento que devemos ter. Nossa morada é o Paraíso e, depois de ter encontrado Jesus, não é possível ir para o Paraíso andando pelo caminho através do qual nos afastamos. De fato, nos afastamos da nossa Pátria por causa do orgulho, da desobediência, da busca pelas coisas fantasiosas, ou seja, experimentando alimentos proibidos, e, por isso, é necessário que retornemos a ela chorando, praticando a obediência, desprezando as coisas terrenas, freando os desejos da carne. Portanto, voltemos à nossa Pátria por outro caminho: tendo nos afastado das alegrias do Paraíso por causa dos prazeres terrenos, podemos voltar por meio da penitência. Para isso é necessário, irmãos caríssimos, que, sempre temendo e em meio a incertezas, coloquemos diante dos olhos dos nossos corações, por um lado, os pecados que cometemos e, por outro, o julgamento de extremo rigor. Pensemos como será severo o Juiz que nos espera, que ameaça e permanece oculto, que prevê terríveis punições para os pecadores e ainda assim os suporta, que adia um retorno iminente a fim de encontrar menos indivíduos para condenar.”*

Gregório Magno, *Homilias sobre os Evangelhos*, 10,7

3. O BATISMO NO JORDÃO: O FILHO AMADO É REVELADO

(Mt 3,13-17; Mc 1,9-11; Lc 3,21-22; Jo 1,29-34)

O segundo grande momento da Epifania é o Batismo de Jesus. Ali, Cristo entra na fila dos pecadores e desce às águas do Jordão. Não porque tivesse pecado, mas para santificar as águas e iniciar publicamente sua missão. No Batismo acontece uma verdadeira manifestação trinitária:

- O Filho está nas águas (Mt 3,13).
- O Espírito Santo desce “como pomba” (Mt 3,16).

- O Pai declara: “Este é o meu Filho amado, no qual pus o meu agrado” (Mt 3,17).

João Batista testemunha: “Eu vi o Espírito descer... e eu vi e dou testemunho: este é o Filho de Deus” (Jo 1,32.34). Assim, se em Belém Cristo é revelado às nações, no Jordão Ele é revelado como o Filho eterno, o Cordeiro que tira o pecado do mundo (Jo 1,29). O Batismo é epifania porque manifesta publicamente a identidade divina de Jesus e inaugura sua vida missionária.

⇒ *“O Salvador recebeu o batismo administrado por João por três motivos. Primeiro, porque tendo nascido homem como os demais, deve respeitar a Lei com justiça e humildade. Segundo, para demonstrar, com o seu batismo, a eficácia do batismo de João. Terceiro, para mostrar, santificando as águas do Jordão por meio da descida da pomba, o advento do Espírito Santo no banho batismal dos que creem”*

Jerônimo, *Comentário ao Evangelho de Mateus*, 1,3,13

4. AS BODAS DE CANÁ: A GLÓRIA SE TORNA VISÍVEL NO SINAL

(Jo 2,1–12)

O terceiro episódio ligado à Epifania é o milagre nas Bodas de Caná. O Evangelista João o chama “sinal”. Aliás, foi “o início dos sinais que Jesus fez, em Caná da Galileia. Manifestou a sua glória, e seus discípulos creram nele” (Jo 2,11).

Aqui ocorre a primeira revelação pública da glória divina. A transformação da água em vinho é uma grande mensagem:

- A água das talhas (cf. Jo 2,6), usada para as purificações, representa a Antiga Aliança.
- O vinho novo e abundante (Jo 2,10) manifesta a novidade de Cristo e o início da Nova Aliança.
- Maria, ao dizer “Fazei tudo o que Ele vos disser” (Jo 2,5), torna-se modelo da fé que leva ao encontro com Cristo.

Caná é epifania porque revela o Messias que traz a abundância da graça (cf. Jo 1,16). A glória de Jesus se manifesta e gera fé, conduzindo o coração dos discípulos à entrega.

⇒ *“Os discípulos acreditavam não no que viam acontecer, mas no que o sentido corporal não podia ver. Eles acreditaram não que Jesus Cristo fosse o Filho da Virgem, pois já o sabiam, mas que ele era o Unigênito do Altíssimo, porque isso*

era demonstrado pelas suas obras. Por isso, também nós, irmãos, cremos que seja Filho de Deus aquele que confessamos ser o Filho do homem. Cremos que ele seja participante da nossa natureza, seja igual à substância do Pai, uma vez que participou do casamento como homem, mas transformou a água em vinho como Deus. Nosso Senhor, na medida dessa fé, nos concederá provar o vinho sóbrio da sua graça.”

Máximo de Turim, *Discursos*, 23.

CONCLUSÃO

As três epifanias (Belém, Jordão e Caná) formam um único movimento:

- aos Magos, Cristo é Luz das Nações (Is 42,6);
- no Jordão, é o Filho amado (Mt 3,17);
- em Caná, é o Esposo da Nova Aliança (Jo 2,1–11).

A Epifania é, portanto, a celebração da manifestação universal de Cristo, que continua a iluminar todos aqueles que o procuram com coração sincero: “Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens” (Jo 1,4). Celebrá-la é renovar a fé na luz que brilha e que as trevas não conseguem vencer (Jo 1,5).

⇒ Bento XVI escreve que “O pensamento decisivo que para nós fica é este: os Sábios do Oriente constituem um início, representam o começo do caminho da humanidade em direção a Cristo e inauguram uma procissão que percorre a inteira história humana. Eles não representam apenas as pessoas que já encontraram seu caminho até Cristo. Representam também a expectativa interior do espírito humano, o movimento das religiões e da razão humana em direção ao encontro de Cristo” (Bento XVI, *Jesus de Nazaré*, 83).

ANEXO: OS “MAGOS”

Quem eram?

O único relato sobre eles está no Evangelho de Mateus (Mt 2,1–12). O texto diz apenas que vieram “magos do Oriente”, que viram uma estrela e foram a Belém adorar o recém-nascido Jesus. Magos (em grego, *mágoi*) não significa “rei”, mas sim sábios, estudiosos, astrólogos ou sacerdotes de regiões como a Pérsia, Babilônia ou Arábia.

Portanto, o Evangelho:

- não diz que eram três,
- não diz que eram reis,

- não dá nomes,
- não especifica o país exato de origem.

Tudo isso surgiu mais tarde na tradição cristã. A partir dos séculos III–VIII, a devoção popular passou a chamá-los de três reis Magos e a dar-lhes nomes (Melquior, Gaspar e Baltazar).

⇒ O escrito apócrifo “Evangelho Armênio da Infância de Jesus” (séc. VI) diz: “Por causa do seu poder e vitórias nas guerras, o reino dos persas dominava sobre todos os reis do Oriente. Os reis magos eram três: Melquior, o primeiro, que dominava sobre todos os persas; Baltazar, que reinava sobre os indianos; e o terceiro, Gaspar, que reinava no país dos árabes”.

A descrição mais célebre dos Magos foi transmitida por São Beda, o Venerável (673–735). No tratado *Excerpta et Collectanea*, ele apresenta com detalhes a identidade de cada um: Melquior, cujo nome significa “meu rei é luz”, seria ancião; Gaspar, que significa “aquele que observa atentamente” seria um jovem vigoroso de aproximadamente vinte anos; Baltazar, ou seja, “Deus manifesta o rei”, seria um homem de quarenta anos.

A tradição interpretou essa diversidade como um símbolo universal. Os três Magos representariam:

- as raças descendentes de Noé: Sem (Ásia), Cam (África), Jafet (Europa);
- as três idades da vida (jovem, adulto, idoso);
- os três momentos do tempo (passado, presente e futuro);
- e até os três continentes conhecidos (Ásia, África, Europa).

Historicamente, houve um grupo real de sábios orientais que visitou Jesus, conforme o relato de Mateus, mas não exatamente como “três reis”, com nomes e coroas. Esses detalhes são fruto de uma bela elaboração simbólica da tradição cristã, para expressar o sentido teológico da Epifania: Jesus é reconhecido pelo mundo inteiro.

⇒ O biblista Gianfranco Ravasi observa que “O relato de Mateus sobre os Magos (2:1-12), embora sóbrio, não deixa de ter suas reviravoltas e é tudo menos fantasioso ou infantil, pois está repleto de citações ou alusões bíblicas. A tradição, no entanto, não conseguiu resistir ao desejo de acrescentar-lhe vários detalhes. Por causa dos três presentes oferecidos a Cristo (ouro, incenso e mirra), ela contou os Magos em número de três; depois os transformou em reis com base no Salmo 72, que declara a

prostração de todos os reis diante do rei Messias; depois atribuiu a eles a pertença às três etnias continentais (branca, negra, amarela); depois, deu-lhes nomes diferentes, entre os quais prevaleceram aqueles de Gaspar, Melchior e Baltazar (...) A epifania que Lucas reservou aos últimos, os pastores, Mateus a destinou aos diferentes, aos estrangeiros em relação a Israel que, certamente, foi iluminado pela palavra bíblica conforme a citação do profeta Miqueias (5,1-3) sobre Belém, pátria do Messias, que os sacerdotes e os escribas de Jerusalém sugeriram ao Rei Herodes que os consultou” (Ravasi, *Biografia di Gesù. Secondo i vangeli*, 154-155).

Em todo caso, o que importa é o que o gesto dos Magos revela:

- Cristo é luz para todas as nações (Is 60,1-6),
- os povos pagãos reconhecem o Messias,
- se inicia a universalidade da salvação.

Ou seja, mais do que curiosidade histórica, eles representam a abertura da humanidade inteira para o Cristo.

⇒ “Os Magos ficam admirados diante do que veem; o céu sobre a terra e a terra no céu; o homem em Deus e Deus no homem; veem contido num corpo pequenino quem não pode ser contido por todo o mundo”

São Pedro Crisólogo, *Sermão 160*, 2

As relíquias dos Magos

As relíquias dos Magos têm uma história muito antiga e fascinante, envolvendo Milão, na Itália, e Colônia, na Alemanha. São dois dos lugares mais venerados da cristandade medieval.

A tradição cristã afirma que, após a morte, os corpos dos Magos foram venerados no Oriente e, séculos depois, trazidos ao Ocidente. Parece que quem trouxe as relíquias para Milão foi o bispo Santo Eusébio (século IV). Lá ficaram guardadas por séculos na Basílica de Santo Eustórgio (Sant'Eustorgio), um dos mais importantes santuários do Norte da Itália. O grande sarcófago dos Magos (o Arca dei Magi) ainda está lá, e pode ser visitado. A própria torre da basílica tem uma estrela no topo como referência direta à estrela dos Magos.

A transferência das relíquias para Colônia (Alemanha) se deu em 1164, durante as guerras entre as cidades italianas e o Sacro Império Romano-Germânico. O imperador Frederico Barbarossa tomou Milão. Como sinal de favor ao arcebispo de Colônia, Rainaldo de Dassel, entregou-lhe as relíquias dos Magos. O arcebispo levou-as em procissão solene para Colônia, onde passaram a ser veneradas na Catedral de Colônia (Kölner Dom).

Ali foi construída a célebre Arca dos Três Reis (Dreikönigenschrein), o maior relicário medieval do Ocidente, riquíssimo em ouro e esmaltes. Desde então, Colônia se tornou um dos maiores centros de peregrinação da Europa.

Hoje, em Colônia estão as relíquias principais, no monumental relicário atrás do altar-mor da Catedral. Em Milão permaneceram algumas pequenas porções das relíquias, como fragmentos, e sobretudo o antigo sarcófago que as guardou durante séculos, preservado com enorme devoção.

Valor espiritual: as relíquias dos Magos expressam a fé da Igreja na universalidade da salvação: não apenas Israel, mas também os povos da terra representados pelos Magos foram conduzidos a Cristo. Elas sempre foram símbolo de busca sincera da verdade, caminhada guiada pela luz, reconhecimento de Cristo como Rei e Deus, missão para todas as nações.

⇒ *“Estas relíquias [dos Magos, na Catedral de Colônia] mais não são do que o sinal frágil e pobre do que eles foram e do que viveram há tantos séculos. As relíquias orientam-nos para o próprio Deus; de fato, é Ele que, com a força da sua graça, concede aos seres frágeis a coragem de o testemunhar diante do mundo. Convidando-nos a venerar os restos mortais dos mártires e dos santos, a Igreja não se esquece que, em última análise, se trata realmente de pobres ossos humanos, mas de ossos que pertenciam a pessoas visitadas pelo poder vivo de Deus. As relíquias dos santos são vestígios daquela presença invisível, mas real que ilumina as trevas do mundo, manifestando o Reino dos céus que está dentro de nós. Elas bradam conosco e por nós: "Maranatha!" "Vem, Senhor Jesus!"*

Bento XVI, *Discurso na festa de acolhida dos jovens vindos para a XX Jornada Mundial da Juventude*, Colônia, 18 de agosto de 2005.

Prof. Dr. Pe Marcelo Cervi

BIBLIOGRAFIA:

Bíblia de Jerusalém, São Paulo, Paulus, 2002.

Bíblia Sagrada. Tradução oficial da CNBB, 6ª ed. (2024), Brasília, CNBB, 2025.

Bíblia Sagrada Ave Maria. Edição de Estudos, 3ª ed., São Paulo, Ave Maria, 2012.

Bíblia. Palavra viva, São Paulo, Paulus, 2022.

A Bíblia, São Paulo, Paulinas, 2023.

Bíblia do Peregrino, São Paulo, Paulus, 2002.

Bíblia. Tradução ecumênica, São Paulo, Loyola, 1994.

Nova Vulgata. Biblorum sacrorum editio, Editio typica altera, Città del Vaticano, Libreria Editrice Vaticana, 1998.

- AAVV, *Bíblia apócrifa. Segundo testamento*, Petrópolis, Vozes, 2025.
- AAVV, *Dicionário enciclopédico da Bíblia*, São Paulo, Loyola – Paulinas – Paulus – Academia Cristã, 2013.
- AAVV, *La Bibbia commentata dai Padri*. Vol. 4/1: *Nuovo Testamento: Giovanni 1-10*. Roma, Città Nuova, 2017.
- CARDINI, F., *I Re Magi. Leggenda cristiana e mito pagano tra Oriente e Occidente*, 2º ed., Venezia, Marsilio, 2017.
- RATZINGER, J., *Jesus de Nazaré: a infância de Jesus*, 2ª ed., São Paulo, Planeta, 2016.
- RAVASI, G., *Biografia di Gesù. Secondo i Vangeli*, Milano, Raffaello Cortina Editore, 2021.